



Da história para a literatura: as facetas do personagem Estêvão Jonas em *O último voo do flamingo*, de Mia Couto

From history to literature: the facets of the character Estêvão Jonas in *O último voo do flamingo*, by Mia Couto

Vanessa Fritzen¹

Resumo: Neste trabalho, procura-se evidenciar, através da análise do romance **O último voo do flamingo** (2005), do escritor moçambicano Mia Couto, quais os possíveis entrelaçamentos que o mesmo estabelece com a História de Moçambique. O romance, além de abordar o período pós-guerra de Independência, também traz, de forma explícita, temáticas como o abuso de poder, a corrupção, só para citar alguns, o que representaria, implicitamente, a situação atual de Moçambique.

Palavras-Chave: Ficção; História moçambicana; Mia Couto; **O último voo do flamingo**.

Abstract: In this study, through the analysis of the novel **O último voo do flamingo** (2005), by Mia Couto, Mozambican writer, what the possible interlacements that it establishes with the history of Mozambique. The novel, addition to addressing the post-war independence also brings explicitly, themes such as abuse of power, corruption, to name a few, which would, implicitly, the current situation of Mozambique.

Keywords: Fiction; History in Mozambique; Mia Couto; **O último voo do flamingo**.

Considerações iniciais

Os estudos envolvendo a literatura africana de expressão portuguesa estão em crescente desenvolvimento, haja vista a importância que os estudiosos têm conferido a essa literatura a qual possui nítidos entrelaçamentos com a História da África. As culturas africanas, inicialmente, desenvolveram-se apenas de forma oral, assim, o florescimento da literatura africana de expressão portuguesa só passa a ser concretizado a partir do uso da língua do colonizador. Essas literaturas, apesar de serem consideradas nacionais, ao propagarem-se sob o signo de uma língua estrangeira, acabaram por manter poucas de suas raízes culturais. A literatura do período colonial representava o homem desbravador de terras e civilizador de gentes; o branco era sempre o protagonista, enquanto o negro aparecia como um mero componente, aliás, sempre inferiorizado. Essa situação só muda a partir do advento da independência. Dessa forma, este estudo será desenvolvido a

¹ Mestre em Letras – Literatura Comparada – pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus Frederico Westphalen. E-mail: vane.fritzen@gmail.com

partir do enfoque de aspectos culturais, sociais e históricos de Moçambique, representados no romance **O último voo do flamingo**.

Literatura e história em *O último voo do flamingo*

O romance **O último voo do flamingo**, publicado no ano 2000, foi escrito pelo escritor moçambicano Mia Couto. A produção bibliográfica de Couto é composta por romances, contos, poesias e crônicas. Cabe aqui ressaltar que ele tem obtido muito sucesso em suas publicações, presentes em mais de vinte países e traduzidas para línguas como a inglesa, a francesa, a alemã, a italiana, entre várias outras. A sua obra “[...] é, ela própria, tradutora da história e da cultura moçambicana para o mundo. [...] [É] uma constante viagem pelas paisagens e lugares de Moçambique, atravessando também os múltiplos tempos de que eles são feitos (OLIVEIRA, 2009, p. 01).

O último voo do flamingo, objeto de análise da presente pesquisa, pode ser um exemplo fecundo de diálogo que a obra do escritor estabelece com a História e com a sociedade moçambicana após a independência, pois, no romance, encontram-se diversos elementos, como o tema, o enredo, a definição do tempo e do espaço, que permitem perceber que fatores sociais e históricos estão permeados no texto, não apenas na sua estrutura, mas na movimentação interna que o livro estabelece com o contexto externo.

A temática do romance é exemplar nessa ótica, uma vez que aborda o período pós-guerra de Independência, quando a ONU ocupa a fictícia vila de Tizangara a fim de evitar os conflitos civis constantes em referência a “uma Moçambique colonial cuja cultura fora estilhaçada pelos canhões dos colonizadores que, ali, permaneceram por muitos anos” (COSTA, 2010, p. 138).

Porém, antes de passarmos para a análise do romance, eis a fábula: numa pequena vila de nome Tizangara, soldados das Nações Unidas, enviados para manter a região pacificada após os longos conflitos, começam a explodir misteriosamente. Entre as medidas tomadas pelo administrador da vila, Estêvão Jonas, figura-se a chegada do italiano Massimo Risi, responsável pelas investigações, e a contratação imediata de um tradutor para que seja possível fazer as intermediações necessárias.

No entanto, no decorrer das investigações, Massimo Risi precisa de auxílio do tradutor, não para entender a língua, mas sim o novo ambiente em que está inserido. Risi se envolve com uma mulher de nome Temporina, que ora apresenta uma aparência jovial ora envelhecida². A tia de Temporina, Hortênsia, já falecida, ainda cuida de seu irmão na

² Temporina acredita ter recebido castigo dos espíritos, pois, segundo os costumes de sua terra, havia demorado mais tempo do que o comum para arranjar um namorado e por isso, enquanto seu corpo possuía

visão dos moradores de Tizangara, reforçando como a tradição africana crê que mortos e vivos convivem normalmente. A Risi causa-lhe estranhamento tanto os poderes do feiticeiro Zeca Andorinho, quanto às atitudes de insulto a Deus, do Padre Muhando; não consegue entender o que Sulplício, pai do tradutor, e a prostituta Ana Deusqueira querem dizer nas entrelinhas; na verdade, Risi não compreende quase nada dos acontecimentos desse lugar e o pouco que consegue escrever ainda desaparece tão misteriosamente quanto os fatos por ele relatados. Também há outras personagens: Ermelinda, a esposa do administrador; Chupanga, o adjunto oficial do administrador; a mãe do tradutor, que não recebe nome na trama; e o irmão de Temporina, que é poucas vezes mencionado.

Dividido em vinte e um capítulos, através de números arábicos, com exceção do último, que não recebe numeração, e iniciados com uma epígrafe, o romance inicia-se, antes dos capítulos mencionados, com uma breve exposição do que o leitor encontrará nas linhas a seguir. Depois dessa breve introdução, a narrativa passa a ser construída capítulo a capítulo, a partir de várias estórias, até certo ponto isoladas, mas que, quando interligadas, dão sentido à narrativa em toda a sua totalidade.

Dessa forma, a estória do romance, situada no tempo do pós-guerra de luta pela independência de Moçambique, passa a girar em torno do mistério das explosões que ocorrem com os soldados da ONU. No entanto, esse dilaceramento dos corpos também pode ser entendido como uma metáfora de uma nação igualmente fragmentada, tanto física quanto culturalmente. Depois de cada explosão, resta somente o órgão genital do soldado, alegoria fálica de um poder, agora, sem função. É a partir dessa alegoria que a cultura africana vai sendo revisitada e a história moçambicana recente sendo representada literariamente.

Na época da publicação de **O último voo do flamingo**, em 2000, o país que mal se recuperava da guerra civil³, entrava em colapso em virtude de ciclones e chuvas torrenciais, ocasionando, além de prejuízo econômico, milhares de desabrigados e centenas de mortes e, conseqüentemente, ainda mais atraso no desenvolvimento do país (MILLER, 2012). Esses acontecimentos arruinaram habitações, escolas, comércio, órgãos

o aspecto jovial de sua idade, o rosto era preenchido por rugas. Em algumas circunstâncias, Temporina tinha atitudes e aparência de uma senhora, em outras, se mostrava desenvolta e de beleza radiante, tal qual a sua real idade.

³ Moçambique tornou-se independente em 1975, mas diferentemente da paz esperada, já no ano seguinte, em 1976, teve início uma guerra civil que se alastrou até 1992. Esses 16 anos de conflitos internos foram marcados pelas divergências entre a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), que não estava de acordo com a forma de governo estabelecida. Entre as várias conseqüências dessa guerra, contabiliza-se a morte de mais de um milhão de pessoas, além de que milhares tiveram partes de seus corpos amputados, em um ambiente que se tornou propício a pobreza extrema, fazendo de Moçambique um “dos mais pobres países do mundo”. Cf. CRAVINO, Janete. Conflitos internos – resolução de conflitos. **Revista Militar**, 14 dez., 2005. Disponível em: <<http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=2>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

públicos, enfim, desestruturaram ainda mais Moçambique⁴, fazendo dele ainda mais vulnerável à miséria e a outras desigualdades sociais, bem como ainda mais propenso a necessitar de ajuda externa⁵. Enfim, sejam catástrofes naturais, sejam problemas de ordem política que acabam influenciando na esfera econômica e social, fato é que todos esses elementos só vêm a atrasar o desenvolvimento do país, sendo que esses entraves todos vão ao encontro dos anseios da escrita narrativa de Mia Couto, que dessa forma é também uma voz de representação literária da marginalidade moçambicana.

A focalização do passado recente de Moçambique ocorre também através da caracterização do espaço da trama e da presença das várias vozes narrativas, que vão desde os nativos, passando por loucos, velhos, prostitutas, e até mesmo, com o olhar do estrangeiro, num ambiente no qual feitiçaria e religião andam lado a lado. São mostras de como a obra romanesca dialoga com a história e a sociedade do país. Dentre essas vozes narrativas, está a de Estêvão Jonas, o administrador da vila de Tizangara. Ele havia chegado à vila ainda quando era um guerrilheiro, dizia ele: “*fui eu que libertei a pátria!*” (COUTO, 2005, p. 121). De fato, o então guerrilheiro havia chegado com muitos sonhos: “Saíra de sua terra para pegar em armas e combater os colonos. [...]. Na altura, dizem, ele não era como hoje. Era um homem que se entregava aos outros, capaz de outroísmos. / - *Esse país vai ser grande [dizia Estêvão]*” (COUTO, 2005, p. 160-161).

O tempo passou, e os sonhos do então administrador mudaram. E mudaram tanto que ele esteve envolvido nas várias mortes ocasionadas pelas explosões:

[...] Passava-se, afinal, o seguinte: parte das minas que se retiravam regressava, depois, ao mesmo chão. Em Tizangara tudo se misturava: a guerra dos negócios e os negócios da guerra. No final da guerra restavam minas, sim. Umas tantas. Todavia, não era coisa que fizesse prolongar tanto os projetos de desminagem. O dinheiro desviado desses projetos era uma fonte de receita que os senhores locais não podiam dispensar. [...]. Plantavam-se e desplantavam-se minas. Umas mortes à mistura até calhavam [...]. Mas era gente anônima, no interior de uma nação africana que mal sustenta seu nome no mundo. Quem se ocuparia disso?

⁴ O povo moçambicano, além das consequências da guerra civil, ainda presenciava o baixo desenvolvimento do país, em partes, pela corrupção e descaso daqueles que estavam no poder.

⁵ Por ser um país pobre, Moçambique sempre contou com o apoio financeiro de outros países, os quais investem em projetos sociais, ambientais, só para citar alguns, com o intuito da melhoria das condições de vida desse povo.

- *Mas depois veio esse desacontecimento!*

- *Qual desacontecimento, padre?*

A morte dos capacetes azuis. Terem explodido estrangeiros foi o que desmontou o esquema. Se atraíram atenções indevidas. A verdade das minas pedia provas de sangue. Mas sangue nacional. Nada de hemorragias transfronteiriças (COUTO, 2005, p. 196).

Seu sonho de acabar com a pobreza e lutar por um futuro melhor parecia ter sido completamente esquecido, pois nem mais o respeito para com a população, que outrora o tratara como um Deus, ele fazia questão de dar valor e manter: “[...] *São pretos, sim, como eu. Contudo, não são da minha raça. [...] Às vezes, até me pesam por vergonha que tenho neles. Trabalhar com as massas populares é difícil*” (COUTO, 2005, p. 95).

Apesar do descaso para com a população, em uma carta enviada ao ministro, Estêvão reflete, entre várias outras coisas, que talvez os estranhos acontecimentos da vila fossem uma espécie de punição, visto o tratamento dado à população: “[...] *Não será que deveríamos cuidar melhor da vida das massas? [...] O povo é a concha que nos abriga. Mas pode, repentinamente, tornar-se no fogo que nos vai queimar*” (COUTO, 2005, p. 95).

Além do envolvimento em mortes, do desprezo para com a população que o acolhera, Estêvão também estava envolvido de várias formas na corrupção e, conseqüentemente, acumulando muitas riquezas ilícitas: “[...] *Eu desviei a viatura para o moço fazer uns negócios de transporte. [...] Mas isso não é para ser comentado, a gente exhibe riqueza e logo despona a inveja*” (COUTO, 2005, p. 94-95).

No entanto, os habitantes de Tizangara estavam cientes de que a riqueza acumulada por Estêvão Jonas se dava através de atos ilícitos, em sua maioria: “[a]queles que nos comandavam, em Tizangara, engordavam a espelhos vistos, roubavam terras aos camponeses, se embebedavam sem respeito” (COUTO, 2005, p. 110). Estêvão Jonas parecia ainda incorporar o antigo dominador⁶, pois igualmente reproduzia práticas de dominação e de abusos de poder: “Sua Excelência era o administrador. Ordem daquelas não se duvida. Ouvimos, calamos e fazemos de conta que, calados, obedecemos” (COUTO, 2005, p. 17).

Por trás da construção da personagem de Estêvão Jonas, inicialmente, um jovem íntegro e comprometido em lutar por causas sociais e que como o passar do tempo foi tendo seus objetivos totalmente modificados, fica subentendido o objetivo de Mia Couto.

⁶ Referência ao período de colonização.

O autor traz nessa personagem as características de muitos moçambicanos que estão no poder, atualmente, e que ao invés de contribuírem com o crescimento do país, depois de longos períodos de lutas, parece que estão a enfraquecê-lo ainda mais. No final do livro **O último voo do flamingo** há uma última seção intitulada “Palavras proferidas por Mia Couto na entrega do Prémio Mário António, da Fundação Calouste Gulbenkian, em 12 de junho de 2001”, na qual Mia Couto expõe, entre outras coisas, que

O último voo do flamingo fala de uma perversa fabricação de ausência - a falta de uma terra toda inteira, um imenso rapto de esperança praticado pela ganância dos poderosos. O avanço desses comedores de nações obriga-nos a nós, escritores, a um crescente empenho moral. Contra a indecência dos que enriquecem à custa de tudo e de todos, contra os que têm as mãos manchadas de sangue, contra a mentira, o crime e o medo, contra tudo isso se deve erguer a palavra dos escritores (COUTO, 2005, p. 224).

Estêvão Jonas é uma das personagens que representa a real situação de desenraizamento provocada pelas condições econômicas e políticas de Moçambique, simbolizando “o nativo que se deixou contaminar pela ganância” (CEREZER, 2010, p. 74). Estêvão Jonas, ainda pode ser considerado uma personagem misteriosa, tendo em vista que muitos de seus atos, aparentemente normais e inofensivos, escondem a sua preocupação em se manter no comando do poder.

É a voz narrativa de Estêvão Jonas que, junto com as das demais personagens, propiciam o conhecimento e entendimento de vários aspectos referentes à cultura moçambicana, reforçando a ideia de que Tizangara é representação do país. Enquanto algumas personagens possuem traços da cultura africana, a qual o escritor faz questão de resgatar, outras representam um Moçambique recente, exemplificando assim, que a escrita coutiana tanto se preocupa em manter as tradições e a história de seu povo, quanto também aspira representar a realidade atual do país. Para tanto, a narrativa desenvolve-se de forma não linear em um espaço em que é possível de ser considerado, em consonância com as ideias mencionadas, o microcosmo de Moçambique.

Tizangara, que pode ser considerada metonímia de Moçambique, é o cenário onde a cultura popular transparece, a linguagem típica do país é usada e onde as ruas da cidade alimentam o diálogo com o contexto social e histórico de Moçambique. Um exemplo disso é quando o recepcionista da pensão em que o investigador (Massimo Risi)

se hospeda dá instruções ao estrangeiro, acaso veja um louva-deus: “- Às vezes, aparecem nos quartos uns insetos desses, sabe, que chamamos louva-a-deus. [...] - Se aparecer um desses não lhe mate - disse, dirigindo-se agora ao italiano. / - E por quê? / - Nós aqui não matamos esses bichos. São nossas razões (COUTO, 2005, p. 38).

Além de situar o espaço privado da pousada como lugar onde insetos são comuns, aludindo à precariedade do local, o excerto sinaliza um traço cultural: que esse inseto é “um antepassado visitando os viventes” (COUTO, 2005, p. 60) e que matá-lo pode trazer má sorte, em clara referência à cultura popular africana. Como verificado no prosseguimento desse estudo, muitos episódios narrados estão impregnados de aspectos culturais, o que também pode ser apurado até mesmo em algumas das próprias personagens, como o feiticeiro Zeca Andorinho, tendo em vista que a feitiçaria é um elemento integrante da tradição africana (PÊPE, 2009). Abaixo, segue um trecho d’**O último voo do flamingo** no qual alguns tipos de feitiços são mencionados, sendo explicado também como agem no ser humano:

Disse que havia feitiços chamados de likaho. Uma diversidade desses feitiços, cada qual feito de diferente animal. Havia likaho de lagarto: os homens inchavam no ventre. Sucedia o mesmo com os ambiciosos - os fulanos eram comidos pela barriga. Havia o likaho de formiga e os enfeitizados emagreciam até ficarem do tamanho do inseto (COUTO, p. 146).

Em **O último voo do flamingo**, o cenário para os episódios narrados, inicialmente, é apresentado a partir da visão do tradutor/narrador. Apesar de o tradutor fazer algumas rememorações do tempo em que viveu na cidade grande e também fazer outras alusões a cidades, o lugar onde se passam os acontecimentos principais do romance de Mia Couto é na “pequena vila” (COUTO, 2005, p. 109) de Tizangara. O ambiente da vila, de poucas “ruelas” (COUTO, 2005, p. 102) e um “único bar” (COUTO, 2005, p. 40), que evidencia um espaço imperceptível e até mesmo insignificante, pela estrutura limitada, até então era pacato, “pois não apresentava importância no cenário dos negócios e do consumo” (MIRANDA, 2009, p. 55), uma referência que alude à impotência social do país e sua precariedade.

Até antes de ocorrerem as explosões, “[n]unca a vila de Tizangara tinha recebido tais altas individualidades” (COUTO, 2005, p. 18), como os governantes do país e também outros do exterior, além de uma delegação das Nações Unidas. Por isso que o

administrador começava a tomar providências imediatas para que a vila fosse mais bem vista: “- *O que eu quero [...], é que eles fiquem a saber que nós, em Tizangara, temos tradução simultânea*” (COUTO, 2005, p. 19). Essa preocupação do administrador da vila denota o esforço dos governantes de Moçambique, os quais intencionam aparentar um ambiente mais bem estruturado, o que de fato, ainda não é realidade expressiva, tal qual representado no romance.

A vila de Tizangara também é caracterizada pela corrupção praticada por aqueles que estão no poder. Aliás, a corrupção em Tizangara é utilizada como forma de crítica ao governo moçambicano, àqueles que estão no poder e que se aproveitam de seu posto para fazerem tudo menos contribuir com um crescimento efetivo do país. Em Moçambique, “a corrupção está espalhada em toda a sociedade” (BELMIRO, 2012, p. 01), e mesmo com toda essa visibilidade do problema e ainda sendo propostas várias modificações para o desenvolvimento do país, mudanças positivas demoram a aparecer. Em se tratando de **O último voo do flamingo**, pode ser verificada uma situação semelhante, uma vez que o narrador se mostra consciente da realidade problemática de Tizangara, sendo que, por vezes, até mesmo a compara à sofrível época do período colonial, no entanto, ele se encontra numa situação de impotência perante aos que estão no poder:

[...] Os novos chefes pareciam pouco importados com a sorte dos outros. Eu falava do que assistia, ali em Tizangara. Do resto não tinha pronunciamento. Mas, na minha vila, havia agora tanta injustiça quanto no tempo colonial. Parecia de outro modo que esse tempo não terminara (COUTO, p. 110).

Os espaços de Tizangara, marcados pela insurgência da corrupção e injustiça ao olhar no narrador, juntamente com alguns objetos, são caracterizados e ditos como fazendo parte do período colonial, como a sede da administração da vila, que “[e]ra o mesmo edifício dos tempos coloniais” (COUTO, p. 17). Já na casa do administrador, havia ainda os “*pesados cortinados, herança dos coloniais*” (COUTO, p. 74). Na extensão de Tizangara, ainda é possível de se encontrar resquícios da violência da guerra, como pode ser percebido, por exemplo, na descrição da pensão em que se hospedou Massimo Risi: “[n]a fachada havia ainda vestígios dos tiros. Buraco de tiro é como ferrugem: nunca envelhece. Aquelas ocavidades pareciam recém-recentes, até faziam estremecer, tal a impressão que a guerra ainda estivesse viva” (COUTO, p. 35-36). Nessa citação, não fica

claro de qual guerra foram deixados esses resquícios, afinal, foram muitos os conflitos, no entanto, a percepção do saldo dessa violência assume-se como algo que delinea a visão negativa acerca do espaço não recuperado em que habitam os moradores da vila.

Além das marcas deixadas pela guerra, a situação da pensão, que de certa forma sintetiza os espaços privados do local, era muito precária, não havendo nem mesmo água para uso diário básico: “[...] O outro prosseguia com as condições: - *Também não há água nas torneiras. / - Não há água? / - Não se preocupe, meu caro senhor. / [...] Chegamos ao quarto [...] [e havia] baratas, aranhas, ratos (COUTO, 2005, p. 37-38).*

O narrador enfatiza a degradação do espaço privado ao relatar, entre outros fatores, que indivíduos habitam, naturalmente, o mesmo espaço que insetos e outros animais. Esse fato não deixa de remeter a situação de miséria extrema a que vive o povo moçambicano. Também o espaço desprovido de abastecimento de água indica um ambiente propício para a disseminação de doenças, um mal que aflige a população moçambicana, que teve sua expectativa de vida reduzida recentemente para 41 anos (SAÚDE, 2010, p. 01).

No site **RFI português**, em agosto de 2012, foi publicado que o “Estado moçambicano afirma estar a tomar medidas para combater a corrupção face a pressões internacionais no sentido de assegurar uma maior transparência na coisa pública” (JOSSIA, 2012, p. 01). Entretanto, notícias como esta já são repetitivas em Moçambique, pois de acordo com um estudo (CORRUPÇÃO, 2012, p. 01) realizado no país, comparando os índices de corrupção em 2005, 2010 e 2011, percebeu-se que não houve diminuição nesses números. No país, as leis que punem as várias formas de corrupção datam de 1886, sendo desatualizadas de acordo com esse mesmo estudo, e ainda, não punem a corrupção praticada por membros de uma “elite política ou elite politico-empresarial com ligações ao poder com acesso a recursos” (CORRUPÇÃO, 2012, p. 01).

A partir das informações do contexto social desses últimos anos em Moçambique, fica nítido que dentro da pequena vila de Tizangara, vários desses aspectos encontram espaço a partir de um novo arranjo, concordando assim com a ideia defendida por Aguiar e Silva (1976), de que a literatura também se utiliza de elementos verídicos, no entanto, constrói a sua própria realidade. Nesse caso, a representação de uma realidade que parece se repetir: precariedade, corrupção e marginalização de um país e de seu povo.

Pelo mesmo viés, Anatol Rosenfeld (1972) relembra a ideia de Johann Wolfgang von Goethe de que através da arte e, neste caso, mais particularmente da obra literária, “distanciamo-nos e ao mesmo tempo aproximamo-nos da realidade” (p. 49). E esse parece ser o objetivo do romance de Mia Couto, que torna a contar a história do período

pós-guerra de Moçambique, bem como lembrar aspectos de um período da história ainda mais longínquo⁷ e ainda trazer muito da cultura africana. Entretanto, esse recontar da história se dá de uma maneira diferente, pois intui incidir sobre o presente, provocar alguma reflexão, fazendo também emergir as diferenças culturais antes sufocadas pelo processo de colonização.

Dessa forma, o espaço é um fator importante na articulação da obra coutiana, sendo que o escritor se preocupa tanto com seu caráter social, quanto a respeito do que é representado através da literatura. Ao tratar sobre a importância conferida a categoria do espaço na escrita coutiana, Tânia Macedo (2007) menciona que “o espaço adquire contornos de uma matéria-prima essencial, transformando-se em tema, personagem e linguagem dos textos” (p. 40). Na escrita coutiana, é verificada uma espécie de reconfiguração do espaço, uma vez que barreiras geográficas são rompidas, podendo vários espaços africanos ser representados a partir de um único local⁸, além ainda, da possibilidade dada pelo escritor, de sonhar por dias melhores, retomando as ideias de Macedo.

Considerações finais

A partir da análise do romance **O último voo do flamingo**, que busca correlacionar literatura e história, é possível verificar que fatores sociais e históricos permeiam o texto, tanto na sua estrutura, quanto na movimentação interna que o livro estabelece com o contexto externo, estratégia esta utilizada por Mia Couto para representar um país igualmente desconfigurado. E enquanto Moçambique não alcança o desenvolvimento almejado, sementes de esperança são plantadas por escritores como Mia Couto, que busca “na palavra o mágico reinício de tudo” (COUTO, 2005, p. 224). De fato, os escritores têm a possibilidade de recriar e representar realidades de maneira crítica, como também utópica. Ainda nessa perspectiva, de acordo com os estudos de Anatol Rosenfeld (1972), “a grande obra de arte literária nos restitu[i] uma liberdade – o imenso reino do possível – que a vida real não nos concede” (p. 48). E esse parece ser o caso de **O último voo do flamingo**: uma obra literária capaz de fazer o leitor não apenas conhecer, mas também rememorar a história recente de Moçambique a partir de uma perspectiva crítica permeada pela construção de espaço e personagens que representam o país.

⁷ Referente ao período colonial.

⁸ Por exemplo, n’**O último voo do flamingo**, elementos como personagens, espaço, tempo, fatores históricos, são construídos de modo a fazer da pequena cidade de Tizangara, a representação da situação problemática de um país, que é Moçambique.

Bibliografia

BELMIRO, José. A corrupção é um problema muito grande e visível em Moçambique. **O País**, online. Disponível em: <<http://www.opais.co.mz/index.php/entrevistas/76-entrevistas/20918-a-corrupcao-e-um-problema-muito-grande-e-visivel-em-mocambique.html>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

CEREZER, Marcia Cristina. **A representação do estrangeiro nas obras *O Último Voo do Flamingo e O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto**. 2010. 77f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2010.

COSTA, Cléria Botelho da. A partilha do sensível: um diálogo entre história e literatura. **Revista Mosaico**, v.3, n.2, p.137-141, jul./dez. 2010.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CORRUPÇÃO em Moçambique sem alteração. **Voz da América**, 06 mar., 2012. Disponível em: <<http://www.voaportugues.com/content/article-03-06-2012-mozambiquecorruption-voanews-141612943/1451271.html>> Acesso em: 27 out. 2012.

JOSSIA, Carlos. Moçambique anuncia medidas de combate à corrupção. **RFI português**, 09 ago., 2012. Disponível em: <<http://www.portugues.rfi.fr/africa/20120809-mocambique-anuncia-medidas-de-combate-corrupcao>>. Acesso em: 27 out. 2012.

MACEDO, Tânia; MAQUÊA, Vera. **Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas**. Moçambique. São Paulo: Artes e Ciência, 2007.

MILLER, John. **Moçambique**, cheias 1999-2000, avaliação de impacto: actividade de doação para o reassentamento da população, julho de 2002. Disponível em: <http://www.sarpn.org/documents/d0000811/P907-Mozambique_floods_1999_2000_USAID_072002_P.pdf>. Acesso em: 21 out. 2012.

MIRANDA, Maria Geralda de. Literaturas angolana e Moçambicana: espelho da resistência e da disposição de construir um novo tempo. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 27, p. 50-57, fev. 2009.

OLIVEIRA, Susan Aparecida de. Mia Couto. **Mafuá, Revista de literatura em meio digital**, Santa Catarina, UFSC, n. 12, p. 01, 2009.

PÊPE, Suzane Pinho. Feitiçaria: terminologia e apropriações. **Sankofa**, Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, São Paulo, USP, n. 03, p. 52-69, 2009. Disponível em:

<<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxyZXZp c3Rhcn2Fua29mYXxneDo0YmFhNjU0Mzc5ZmJhZWQw>>. Acesso em: 21 out. 2012.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SAÚDE. **USAID do povo moçambicano**, 11 fev., 2010. Disponível em: <http://transition.usaid.gov/mz/health_po.htm>. Acesso em: 11 nov. 2012.